



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA
UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS LIMITES.**

CAMILA SANTIAGO PEREIRA

RIO DE JANEIRO

2014

RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA
UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS LIMITES.

CAMILLA SANTIAGO PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aliny Lamoglia (Orientadora)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2014

RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA
UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS LIMITES.

CAMILLA SANTIAGO PEREIRA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Professor Marcio da Costa Berbat

Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão, mediados pela realidade.

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Rosângela Gomes Santiago por sempre me fazer acreditar na importância da educação na vida de uma criança e que nunca me deixou desistir nas dificuldades que encontrei no percurso da vida acadêmica. É a você e à nossa parceria que sempre cultivou na nossa relação que dedico este trabalho com orgulho de poder dizer a você que consegui me realizar através do meu trabalho como Pedagoga, podendo transferir aos meus alunos muitos dos conhecimentos aprendidos na vida acadêmica como também muitos dos aprendizados relacionados à nossa vida familiar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois foi na fé nele que me apoiei nos momentos de angústia e que tenho certeza que sempre esteve comigo.

Ao meu namorado e aos meus familiares, que durante todo este longo caminho estiveram ao meu lado, lutando e acreditando no meu potencial, fazendo com que eu não desistisse.

As minhas amigas de curso, em especial Aline, Gabrielle e Mariane, pois caminhamos inseparavelmente desde o início da faculdade até a cerimônia da colação, sempre ajudando umas às outras.

Aos professores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) que contribuíram para meu crescimento acadêmico.

Às coordenadoras da escola em que eu trabalho, que acreditam no meu potencial me dando a oportunidade de poder vivenciar e compartilhar do cotidiano escolar da instituição há 4 anos.

À minha orientadora, a professora Aliny Lamoglia, que me concedeu a oportunidade de desenvolver este trabalho junto comigo.

Ao professor Marcio da Costa Berbat, que de maneira bondosa, aceitou fazer a leitura e avaliar este trabalho.

CAMILLA PEREIRA SANTIAGO. **RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA, UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS LIMITES.** Brasil, 2014, 28 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

O limite do aprendizado não deve ser somente dos muros da escola para dentro, a casa também pertence a este grupo e deve interagir. A relação entre família e escola deve ser cotidiana e não mais somente quando a instituição solicita. Neste trabalho foi feito um panorama de como se encontra a relação família escola no cotidiano escolar. Para isso autores como Parolin, Chalita, Mizuno foram essenciais para teorizar sobre os papéis e importância de cada parte envolvida no processo do ensino-aprendizado. Para finalizar, a experiência com base em relatos em uma escola no Rio de Janeiro, como a melhor ferramenta de comprovação na prática da relação existente atualmente nas escolas.

Palavras-chave: limites, escola, relação família e escola, papel.

ABSTRACT

Learning should not only be done within the walls of the school, the home also belongs to this group and should interact. The relationship between family and school should be everyday and not only when the institution asks. This work was made an overview of how is the family school relationship in everyday school life. For that authors like Parolin, Chalita, Mizuno were essential to theorize about the roles and importance of each party involved in the teaching-learning process. Finally, the experience-based reports at a school in Rio de Janeiro, as the best tool to prove in practice the relationship currently existing in schools.

ÍNDICE DE SIGLAS

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Sumário

Resumo	07
Introdução	10
Capítulo 1: Definições de Relação, Família e Escola	
1.1: Significado social e cultural da família	13
1.2: O valor e o significado da escola	14
1.3: A importância da relação	15
Capítulo 2: Quem manda em quem?	
2.1: O papel da família	16
2.2: O papel da escola	17
2.3: Como acontece a relação de ambas as partes	18
Capítulo 3: Nada melhor que a experiência.	
3.1: Construindo Caminhos – O Biográfico e o Educativo	21
Considerações Finais	25
Referências Bibliográficas	26

Introdução

“Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades...” (PIAGET, 1972, p.50)

Oriunda de um ensino médio com formação Normal, tenho a oportunidade de participar diariamente da vida de crianças da educação infantil de uma escola particular, tornando possível uma reflexão sobre este estágio da minha vida escolar. Com base nisto e refletindo sobre os acontecimentos do cotidiano, posso empregar minha experiência neste estudo, com o qual tenho me surpreendido com o poder de intervenção que os pais possuem dentro de uma escola particular, fazendo-me pensar em qual seria o limite dessa relação. Construo meu trabalho de conclusão de curso com a intenção de narrar e discutir a relação “Família – Escola, refletindo sobre seus limites”, a fim de elaborá-lo com maior confiabilidade.

Como educadora infantil, posso perceber deficiências da relação de parceria entre família e escola em nosso sistema de ensino, e, grande parte destas originam-se pela falta da integração família-escola. O objetivo desta pesquisa é, por meio de pesquisas bibliográficas, contribuir para uma reflexão sobre a relação das duas partes mais importantes na formação de uma criança, de forma que os pais estejam inclusos na educação de seus filhos, não somente fora da instituição, auxiliando nas tarefas domiciliares, como também dentro dela, contribuindo para o desenvolvimento do aprendizado de seus filhos. O tema se trata de um estudo acadêmico sobre a participação de pais no espaço escolar no qual seus filhos frequentam, analisando o papel de cada parte dentro do mesmo.

“Como os pais são acolhidos na escola? O que é participar? Quais os espaços ocupados pelos pais, como acompanham o estudo dos filhos? como ajudam? como família e escola solucionam problemas escolares/familiares? Qual o limite nesta relação?”. (MIZUNO, M. S. 1999 p.4)

A partir das indagações feitas pela autora acima, podemos refletir sobre a participação dos responsáveis e da escola na formação das crianças envolvidas.

A parceria família-escola é essencial para o melhor desenvolvimento das crianças, pois as duas partes são fundamentais para o desenvolvimento infantil e precisam caminhar pensando em um único ser humano, que terá sua formação baseada nos princípios passados pelas mesmas. Segundo Heidrich (2009) a educação visa o desenvolvimento da personalidade e sociabilidade do indivíduo. Com isso, a responsabilidade dos pais vai além da contribuição monetária mensal, eles devem dar prosseguimento ao trabalho realizado pelos professores e auxiliares inseridos na instituição, acreditando e passando confiança às crianças no processo educativo da instituição.

Em algumas escolas existe a reflexão sobre a necessidade da participação da família, entretanto os estudos sobre como este trabalho é realizado são escassos da mesma forma que o incentivo em permanecer a relação. O desenvolvimento do aluno na escola deve ser discutido pelos pais, professores e outros profissionais qualificados para tal, não limitando-se somente ao que é repassado nas reuniões.

Percebe-se que nas famílias com classe social baixa há uma maior possibilidade de dificuldades nesta relação conforme Polonia e Dessen (2005):

“Ao lado disso, os pais de baixo nível sócio-econômico têm dificuldades ou se sentem inseguros ao participarem do currículo escolar. Os conflitos e limitações na sua participação podem ser produtos de sua imagem negativa como pais, de sua própria experiência escolar ou de um sentimento de inadequação em relação à aprendizagem [...]”. (POLONIA, DESSEN, 2005, p. 306)

Segundo as autoras, constatou-se que os pais que possuem menos conhecimento ou instrução não conseguem entender o que é solicitado pela escola, muitas vezes até em bilhetes e preferem se silenciar, pela sua vivência na escola ter sido pior ou inferior a do aluno. Para sanar esta adversidade a escola deverá manter-se atenta quando há alguma divergência quanto à comunicação, e, quando detectada deverá marcar reuniões particulares e verificar junto à família quais serão as medidas a serem tomadas.

A escola que possui um papel além do educacional, que é o de socializar, onde se inclui também a família, pois é através de seus membros que, quando as crianças ainda são bebês, que se inicia esse processo. As crianças pertencentes ao horário integral escolar passam atualmente mais tempo nas escolas e longe de seus pais, assim

este papel acaba sendo repartido com quem tem maior participação na vida social da criança, que normalmente são avós e babás. Esse distanciamento acaba trazendo algumas dificuldades para a criança, e remete ao professor, usualmente, o trabalho de educar a criança.

Esta integração parcial, quando feita de forma correta e planejada, leva benefícios de aprendizagem para o aluno, onde além dos muros da escola ele ainda terá o responsável como professor. Para Tiba (1996) a dinâmica familiar reflete nas características psicológicas e pessoais de cada aluno, assim, o relacionamento professor x escola passa a ser ainda mais estreito.

A integração dos pais na sala de aula deverá ser feita naturalmente de forma que a criança reconheça a quem obedecer, e, em qual lugar, o professor na sala de aula e os pais em casa, mas os pais sempre podendo contar com o apoio da escola para algum problema que esteja acontecendo em casa, para que juntos possam pensar em algo para sanar isso. É possível uma relação em que o professor é aliado dos pais.

Não se deve julgar as atitudes e posturas dos responsáveis, mas sim, pensar em como ajudá-los. É importante reconstruir a autoestima desses pais, ter em mente que cada família é uma família assim como cada escola possui suas particularidades. É necessário compreensão e construção intensa desta parceria. O papel da escola deverá ser de formar um cidadão completo e crítico.

Com base no que já foi descrito na introdução, dividi o meu trabalho em 4 partes:

No primeiro capítulo falo sobre as definições de escola, família e relações nos dias atuais com base em alguns autores contemporâneos.

No segundo capítulo, “Quem manda em quem?”, escrevo sobre as relações de poder existentes entre as duas partes no ambiente físico escolar e as influências disso no próprio cotidiano da escola.

No terceiro capítulo trago experiências, vividas por mim na escola em que trabalho.

No último capítulo finalizo o trabalho com a conclusão da minha pesquisa acadêmica.

Capítulo 1: Definições de Relação, Família e Escola

1.1 Significado social e cultural da família

Há algum tempo, poderíamos afirmar com convicção que família seria composta por pais (um homem e uma mulher) e seus filhos num mesmo ambiente. Entretanto, nos tempos modernos, o conceito de família não segue àquele de antigamente. De acordo com o Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, família significa: “*s.f. Marido, mulher e filhos; pessoas do mesmo sangue; conjunto das pessoas que vivem na mesma casa; descendência; linhagem; estirpe; raça (...)*”. Contudo o interesse desse trabalho não está voltado apenas ao significado da palavra e sim os valores culturais e sociais que a família tem, a partir deste busco em Dias (2005) um significado mais amplo.

“A família é um grupo aparentado responsável principalmente pela socialização de suas crianças e pela satisfação de necessidades básicas. Ela consiste em um aglomerado de pessoas relacionadas entre si pelo sangue, casamento, aliança ou adoção, vivendo juntas ou não por um período de tempo indefinido.” (p.210).

Não existe apenas um significado para a palavra família, pois diversos estudiosos da área ainda não encontraram um conceito comum em que os autores, governos, instituições e a própria sociedade concordem de maneira absoluta. Podemos pensar também que a base para as diferentes definições existentes para esta palavra está simplesmente no fato de existirem diferentes culturas que formam diferentes grupos sociais com famílias distintas e cada um em busca de uma crença própria.

Refletindo ainda sobre a definição de família e acreditando que em qualquer família, seja ela baseada em uma reflexão tradicional, composta por pai, mãe e filhos ou através de reflexões modernas, sobre as diversas famílias presentes na atualidade, compostas por dois pais e filhos, duas mães e filhos, avós com papéis maternos etc. Refiro-me ao responsável pela criança, aquele que participa da vida da criança de forma ativa, inclusive, na escola.

Em um de seus trabalhos, Aparecida e Rebelo (2003), expõem algumas pesquisas sobre pais autoritários, permissivos e democráticos. Pais autoritários são aqueles que não têm facilidade em se comunicar com os filhos, demonstram pouco afeto, tornando-se bastante rígidos, controladores e restritivos. São estabelecidos rigorosos padrões onde suas condutas são avaliadas mediante os mesmos, valorizando a

obediência às normas e regras já definidas, não se preocupando em explicar ou consultar as crianças sobre as mesmas.

Já os pais permissivos são muito afetuosos, dialogando sempre com seus filhos. Porém, apresentam dificuldades no controle aos limites por serem muito tolerantes.

Quanto aos pais democráticos, possuem um equilíbrio em suas ações, demonstram afetividade estimulando sempre o lado crítico das crianças. São flexíveis conseguindo com que as crianças obedeçam às regras e conheçam os limites, agindo de forma clara e objetiva.

A partir das definições trazidas pelas autoras podemos entender que há uma diversidade de pais e famílias na sociedade e com as quais lidamos constantemente em nosso cotidiano escolar.

1.2 O valor e o papel da escola

Assim chegamos à palavra escola, afinal dentro dessa instituição podemos receber diversos tipos de famílias ou até mesmo muitas com a mesma característica, porém com pais que possuem atitudes diferentes quanto às suas crianças, em sua maioria com cultura e criação diferentes, fazendo com que a escola encontre um meio para lidar com todos, sabendo o melhor caminho para o desenvolvimento pedagógico dessa criança dentro da instituição.

Segundo Oliveira (2009), “A escola é a instituição que tem como função a socialização do saber sistematizado, ou seja, do conhecimento elaborado e da cultura erudita.” Escola é um espaço que possui como uma de suas finalidades a educação, socialização entre indivíduos em um mesmo ambiente e o desenvolvimento do conhecimento e da inteligência.

A escola está longe de ser apenas uma instituição responsável pela aquisição do saber. É dentro dela que ocorrem um dos primeiros desligamentos entre mãe e filho, desenvolvendo assim a socialização com outras culturas e crenças do mundo. Sendo assim, atualmente, segunda autora Mizuno (1999):

“Neste contexto a escola passa a ser para a família um local de preparação para o ingresso no mercado de trabalho, porque a valorizam enquanto instrumento que viabilize a superação de questões que lhe possibilite uma vida digna que são vistas como decorrentes da trajetória escolar de seus filhos...” (p. 10)

A instituição escolar hoje está associada a preparação pra vida adulta, para o mercado de trabalho esquecendo a pureza envolvida na criança e suas ludicidades. Ela possui o papel de mediar a aprendizagem da criança através das informações. É comum escutar nas escolas que “ele tem que aprender que na vida não é assim” esquecendo que existe um eu ali além do ambiente escolar com desejos, vontades e personalidade, podendo ser modificada ou não.

1.3 A importância da relação

Assim podemos chegar a última palavra a ser definida neste capítulo: relação. Voltando ao dicionário encontro o significado de relação como “*s.f. Grau de afinidade, natureza, forma etc. entre duas ou mais coisas ou contatos sociais entre pessoas; trato, convivência social.*” A definição está muito bem expressa porém para o caso do texto prefiro usar o significado de relacionamento como o ato de relacionar-se, afinal estou escrevendo sobre como é a relação existente entre família e escola.

A relação na qual eu falo é uma relação que se encontra desgastada em muitos ambientes escolares precisando de uma nova mediação através dos autores e gestores.

Sendo assim, posso observar que a relação é algo que deve ser de comum acordo entre as duas partes (família e escola) a fim de uma boa convivência social.

Capítulo 2: Quem manda em quem?

Após as definições das palavras principais que permeiam este texto começo a discutir então sobre o assunto que pretendo falar. Quem convive no cotidiano escolar percebe que há divergências entre as famílias e a escola sobre o papel que cada parte tem na educação das crianças. Parolin (2008) descreveu muito bem a importância de separarmos esses papéis:

“Destaco que o papel da família na formação e nas aprendizagens das crianças e jovens é ímpar. Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substituir a família. Por outro lado, destaco também que a função de escola na vida da criança é igualmente ímpar. Mesmo que as famílias se esmerem em serem educadoras, o aspecto socializador do conhecimento e das relações não é adequadamente contemplado em ambientes domésticos.” (p.01).

Há a necessidade de refletirmos sobre o papel da família e da escola na educação de uma criança. Qual seria a responsabilidade de cada parte? Como isso deveria ser feito? A partir das reflexões sobre Malavazi (2000), percebe-se que no ambiente escolar há, às vezes, uma distorção das responsabilidades, ou até mesmo, uma falta de parceria das partes fundamentais no desenvolvimento infantil, atrapalhando assim o andamento deste processo.

2.1- O papel da família

O papel da família vai muito além de matricular a criança na escola e manter dentro da escola refletindo numa questão de obrigatoriedade escolar, como previsto na LDB, “Art. 6º É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)”. Polonia e Dessen (2005), descrevem muito bem sobre o que seria dever da família:

“[...] Um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte formal, em colaboração com a escola.” (p. 304)

O papel mais importante da família é a educação para a socialização, ou seja, educar. A criança, muitas das vezes, é criada para seu próprio mundo na atualidade. Ela brinca sozinha com seu eletrônico sem repartir ou brincar em grupos; muitas famílias optam por ter apenas um filho, o que faz com que elas cresçam com a vivência única e um mundo rodeado somente para ela. Não são casos de todas as famílias brasileiras, mas de uma boa parte das famílias de classe média alta, que é o público observado.

A criança deve ser educada, através da família que é responsável pelo seu primeiro envolvimento social. A escola dará apenas continuidade, dentro do espaço físico, a essa relação social. Para uma boa convivência a criança tem que ter seus exemplos e aprendizagens dentro de casa através dos limites, regras de convivência na sociedade e educação.

2.2 O papel da escola

O papel da escola não se limita ao educar para a sociedade, abrange essa educação aos conhecimentos e desenvolvimentos científicos, noções sobre políticas e economia, cidadania e a relação do ser humano com o mundo. Polonia e Dessen (2005) falam sobre a escola como:

“A escola constitui-se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). Neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, sociais e culturais é realizado de maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa.”. (POLONIA & DESSEN, 2005, p 304)

Nesse sentido a escola, teria a responsabilidade de estimular o conhecimento científico de uma maneira ampliada e universal. Hoje, é comum nas escolas os conteúdos atravessarem as barreiras dos livros e cadernos associando-se, se intertextualizando aos assuntos que temos em nossas conversas no cotidiano, como política, sustentabilidade, economia mundial, crises mundiais, racismo, preconceito e tantos outros assuntos. Eles acabam surgindo no ambiente escolar ou até mesmo sendo trazidos pelos alunos ou professores, mostrando assim a importância da escola estar sempre ligada ao que a sociedade está vivenciando, as regras pela qual seguimos, sejam elas ditas por leis ou instituídas pela sociedade para uma boa convivência.

2.3 Como acontece a relação de ambas as partes.

Na relação diária da criança na escola são desenvolvidas as relações sociais da criança com o mundo. Nestas relações aparecem os gostos, o caráter, as características e são estabelecidas as regras para convivência no grupo ali existente. Há crianças que possuem uma facilidade em aceitá-las e outras não.

Um dos relatos mais escutados dentro das escolas é a falta de limites do aluno com o professor e através dos estudos de Vasconcellos (1989) podemos constatar que a escola adquiriu mais uma responsabilidade que é a de impor limites, que antes era trabalhado pela família. É papel da família a educação, o caráter e o limite, que fazem parte do valor ético construído pela mesma, como afirma Chalita (2001):

“A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida de perpetuar valores éticos e morais. Os filhos se espelhando nos pais e os pais desenvolvendo a cumplicidade com os filhos”.
(CHALITA, 2001, p.20)

Sabemos que a família hoje não consegue educar e socializar sozinha seus filhos como afirma Soares (2010, p.01) sobre como essa parceria entre escola e família que deveriam ocorrer em um único objetivo mas na verdade: “ao invés de se complementarem, concorrem entre si.”

Para a construção do limite na criança, muitas famílias acabam optando por tentar desenvolvê-lo através da agressão ou sem muitas explicações (autoritarismo), baseados apenas na negação, quando, na verdade, ele pode se desenvolver de uma maneira muito mais fácil através do diálogo. O diálogo é a melhor maneira, afinal ali a criança terá a explicação da negação recebida. Chalita (2001) fala sobre o diálogo de uma maneira sincera e verdadeira:

“Nem a indiferença, nem o amor exagerado, opressor; a grande conquista é o equilíbrio, a serenidade, o bom senso. O respeito, que faz com que o tom de voz seja brando, que os espaços não sejam invadidos e a liberdade ensaie seus primeiros vôos em casa.” (CHALITA, 2001, p.24)

Através do limite construído na criança e no diálogo decorrente do aprendizado pode ser iniciado o caminho para essa disputa de verdades e razões entre escola e família. A partir do momento que acreditamos serem estas as partes responsáveis por esse ser, futuramente adulto, no qual devam-se pensar no bem comum, e só poderão

chegar a um caminho através do diálogo. A escola com sua vasta experiência, com profissionais capacitados para estar ali, agindo no meio e a família sempre pensando no futuro e no cidadão que está se desenvolvendo na qual será eternamente responsável por ela, sendo a única entendedora do “eu” (físico, mental e psicológico) desta criança.

Muitas escolas hoje já abrem um espaço maior para a entrada e opinião dos pais dentro da instituição e dando assim um primeiro passo a essa relação mas ainda não é feito com completa veracidade, mostrando em alguns momentos falhas. Pais devem participar da vida escola de seus filhos indo além das presenças em reuniões de pais e eventos, ou da busca pelo boletim porém possuem limites conforme os próprios alunos dentro da instituição escolar para assim manterem uma boa convivência.

O problema é que quando se abre caminho para essa relação de parceria mesmo assim algumas escolas ainda enfrentam uma dualidade de ideias sobre as partes. Oliveira (2010) esclarece muito bem essa ideia sobre as ambas:

“À família são impostos limites para entrar em questões próprias da escola, como no campo pedagógico. Mas o mesmo parece não acontecer com a escola em relação à sua entrada na família, pois aquela acredita estar autorizada a penetrar nos problemas domésticos e a lidar com eles, além de se considerar apta a estabelecer os parâmetros para a participação e o envolvimento da família.” (OLIVEIRA, 2010, p.05)

Para trazer os responsáveis para a escola o chamado tem que ir além do que uma reunião para mostrar o andamento negativo do aluno ou em situações formais e eventuais dentro da escola, como é o costume de muitos pais, e sim uma participação no cotidiano e no desenvolvimento escolar da criança e na instituição, quando necessário, cabendo a eles assegurar que as crianças estariam prontas para a educação escolar, respeitando assim a responsabilidade do professor na parte pedagógica.

Já o professor deve compreender que a família vem como aliada e não para confrontar ou duvidar. É necessário aqui que a escola se posicione nesta relação, pois como qualquer relação possuem seus altos e abaixo, por isso, ambos as partes não devem se sentir desfavorecida quanto à outra. O professor tem como responsabilidade além da parte cognitiva da criança a formação de um cidadão e tem experiência e formação para ajudar e solicitar ajuda a família nos momentos necessários.

Faz-se necessário que fique claro que isso se torna um trabalho longo, persistente e de confiança. Responsáveis e professores, devem acreditar ter uma via

única, possuem um bom diálogo e acreditarem umas nas outras, como esclarece Soares (2010):

“Nos momentos de interação entre escola e família é preciso conceber que a capacidade de comunicação exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir e para tal faz-se necessário o desejo de querer escutar o outro, a atenção às ideias emitidas e a flexibilidade para se receber as ideias que podem ser diferentes, mas complementares.” (p. 16).

Crianças muitas vezes apresentam novas situações em momentos que às vezes não terá em uma reunião ou encontro formal da família com a professora e vice-versa, por isso a importância de um diálogo pressupõe que devem saber dessa nova informação da criança como reforça Tiba *apud* Soares (2002, p.182): “A escola percebe facilidades, dificuldades e outras facetas na criança que em casa não são observadas, muito menos avaliadas.”

Capítulo 3: Construindo Caminhos – O Biográfico e o Educativo

Este capítulo terá como base experiências pessoais que vivi na escola onde trabalho com crianças da Educação Infantil.

Início este relato através da análise da minha vida escolar (1995 à 2008). Nesta época a escola aberta não era uma realidade no Brasil, sendo assim ainda não havia muita interação dos pais com a escola, o que hoje, através de estudos pedagógicos entendemos que é relevante para o crescimento do aluno na escola.

"Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que freqüentam. " (TIBA, 1996, p. 111).

Mesmo hoje em dia uma grande parcela de pais interage com a escola apenas quando há necessidade de comunicar algo, seja via agenda, telefone ou em reunião. Muitas vezes este contato é restrito até na ida e vinda do colégio, pois é cada vez mais frequente que os alunos desloquem-se através da condução terceirizada, seja ônibus do colégio ou particular. Isto deve-se ao tempo demasiado longo que as pessoas passam trabalhando restando um tempo diminuto para a casa e família

A motivação dada através do respeito e admiração pelo profissional de educação faz com que muitos alunos sigam esses passos através da formação técnica de normalista. Formei-me normalista no ano de 2008 no Colégio Senhora da Pena e iniciei minha jornada na profissão no mesmo colégio, em uma turma mista de maternal I e II, no ano seguinte a minha formação. Talvez por ser uma primeira experiência, os pais mostravam-se muito participativos e interativos. A participação dos pais é crucial para o desenvolvimento do aluno na escola.

Por questões culturais percebemos que a mãe é quem participa mais da evolução do filho na escola. Em minha experiência pude presenciar situações onde elas interagiam sempre nas atividades escolares, inclusive em algumas ocasiões auxiliavam na ornamentação das festas e comemorações escolares. Nestes casos, onde a mãe interage com a escola, a relação torna-se mais agradável e faz com que dicas e opiniões

fluam naturalmente, assim a presença dos responsáveis deixa de ser uma cobrança e passa a ser uma parceria a qual visa somente o desenvolvimento do aluno na escola.

Este vínculo do profissional com o aluno e família não ocorre somente dentro da instituição, tornando-se um vínculo afetivo. Hoje já não faço mais parte da equipe deste colégio, mas ainda possuo vínculos com as mães, as quais ainda possuem o mesmo respeito e afeto daquela época.

“São as técnicas que fazem nascer as redes de relações, a cooperação, a ajuda mutua. A partir de então, a escola não é mais uma corrida de obstáculos em direção a uma vida futura, mas lugar de vida e trocas. A escola não é mais um local fechado às regras de vida e de trabalho específicos, mas um espaço aberto sobre a vida, para a vida. Ela não é mais um lugar de transmissão oral do saber pelo mestre, mas um lugar de apropriação do saber e do saber fazer de cada um, de acordo com o seu caminho e os desejos que o meio educativo e as múltiplas relações nas quais esta envolvido despertam nele.” (COLIMBIER, MANGEL, PERDRIault, 1989, p. 85)

A defasagem dos pais perante a escola ainda é um problema que deve ser mitigado. Hoje existem escolas, chamadas escolas abertas, nas quais a presença dos responsáveis é permitida, inclusive em sala de aula. Infelizmente esta política de ensino ainda é vista por muitos como invasão. Tenho a experiência de lidar com este tipo de ensino, pois, após minha primeira experiência, fui empregada em uma escola bem conceituada localizada na Tijuca - RJ. esta instituição possui uma política particular de escola aberta aos responsáveis, onde os pais têm a possibilidade de entrar na escola a qualquer momento. Ao iniciar meu trabalho junto à escola aberta, pude sentir uma grande diferença, pois a todo momento um responsável entrava em sala interrompendo a aula, o que é ruim para a didática, pois muitas vezes atrapalha o processo educativo que estava sendo encaminhado. Entretanto com o tempo isto pode ser revertido a favor, do profissional, fazendo dos pais aliados.

Um dos grandes desafios para quem decide pela educação infantil é iniciar regência de turma, pois, nem sempre a metodologia que o profissional utiliza é a que mais agrada os pais. Nestes casos a mediação de uma coordenadora pedagógica é de suma importância para que a relação conquistada até então não seja desfeita. Hoje o

envolvimento da família com a escola ainda é visto por alguns professores como forma de ameaça, pois, a presença de um responsável em sala de aula ainda é sinônimo de supervisão de trabalho o que gera um desconforto do profissional e repercute como trabalho mal executado. Entretanto, em escola aberta a presença de um responsável deve ser vista como uma extensão das possibilidades dadas pela escola. É necessário que seja enfatizado que cada um possui um papel ali, mas que todas as partes estarão sempre abertas para opiniões, podendo acatar ou não. Essa interação também é vista com estranheza pelo aluno, pois ali ele terá autoridades distintas, o responsável e o professor.

O objetivo da escola aberta é estreitar a relação entre os pais e a equipe responsável pelo aluno. Sendo assim, na educação infantil e no 1º ano do ensino fundamental I, duas vezes ao ano realizam-se encontros denominados “Escola Aberta”, que consistem em um encontro individual da professora com os responsáveis do aluno. Estes encontros consistem em 30 minutos de conversa, onde a professora esclarece o desenvolvimento da criança na escola, descobre um pouco da rotina familiar e incentiva o processo do desenvolvimento fora da instituição. Os responsáveis ou equipe escolar (pedagogia, direção, psicológica), quando há necessidade, devem acionar a outra parte interessada, através de atendimentos em qualquer ano educacional, em qualquer época do ano.

Através desses encontros que ocorrem dentro da escola seu relacionamento com a família se estreita criando mais que um vínculo contratual, mas um laço de segurança, pois é ali que os responsáveis entendem o processo e confiam na professora e conseqüentemente a escola confiar naquela família contando com a sua interação. E o que é mais importante neste tipo de atendimento feito na escola é que são feitos não apenas para falar sobre pontos negativos do aluno ou da escola e sim para também falar pontos positivos, quebrando assim a impressão que muitos pais tem de que quando são chamados na escola, são necessariamente, para ouvirem observações negativas de seu filho. Ao se sentirem seguros os pais passam a ter um interesse maior na instituição e não mais somente no investimento feito em seus filhos

No início do ano letivo, a escola promove uma reunião com os responsáveis dos novos alunos para explicar o processo de adaptação da criança na escola. Nesta reunião são relatadas experiências anteriores de outros alunos, para que assim possam entender na prática como funciona o processo. Também é reafirmada a importância de seguir as orientações dadas pela escola para que assim o procedimento torne-se prazeroso, tanto para os pais quanto para o aluno, assim melhorando o desempenho deste. As

experiências dadas no cotidiano mostram-se precípuas ao lidar com as famílias, que por sua vez precisam cada vez mais desta relação para o desenvolvimento do seu filho.

É dever dos pais estimular a criança para a escola, não demonstrando desinteresse pelo que ela faz, mesmo que seja um pequeno desenho os pais devem dar atenção, para a criança aquele momento é importante, tanto quanto uma reunião com nossos líderes de trabalho. Para melhor desenvoltura do aluno os professores também precisam dialogar sobre como os pais devem agir perante as atividades escolares do filho. Desde cedo muitos pais se preocupam com o desenvolvimento e compreensão do aprendizado de seus filhos pensando somente no futuro deles, e acabam pressionando a criança sobre isso. É necessária, então, uma intervenção da escola para explicar a esse responsável, deixar claro que algumas aquisições exigem um período para acontecer no desenvolvimento infantil, mostrando-o assim o que esperar em cada momento do aprendizado.

Considerações Finais

Através do estudo feito com base teórica e um relato, foi possível concluir que a relação família escola precisa ser uma relação de via de mão dupla com muita parceria, mas para isso é necessário que cada um saiba seu papel no desenvolvimento da criança.

Em um primeiro momento foi feita uma reflexão sobre os significados das palavras presentes no título do estudo, onde no segundo capítulo coloco a importância do papel de cada parte responsável pela educação da criança (família e escola), deixando claro que na verdade nenhuma das partes manda na outra, conforme sugiro no título e vemos muitas vezes no ambiente escolar o uso desse termo, e sim são ações que nos dias atuais precisam uma da outra para se complementar em que se torna essencial o entendimento do caminho em que cada uma irá fazer e esse entendimento deve ser feito através do diálogo.

O uso do diálogo para mediar essa relação remete à ideia da aprendizagem de limites que os pais tentam dar na infância, onde algumas vezes usam agressões, quando na verdade a base está toda voltada ao diálogo claro, aberto e direto a criança. Assim, acredito que deva ser essa relação um diálogo claro, aberto e direto entre ambas as partes responsáveis por esse desenvolvimento.

A integração dos pais na sala de aula deverá ser feita naturalmente de forma que a criança reconheça a quem obedecer, e, em qual lugar, o professor na sala de aula e os pais em casa, mas os pais sempre podendo contar com o apoio da escola para algum problema que esteja acontecendo em casa, para que juntos possam pensar em algo para sanar isso. É possível uma relação em que o professor é aliado dos pais.

Assim pode-se perceber que essa relação não é impossível, é imprescindível que haja vontade e planejamento entre os dois para que isso ocorra. Precisa-se pensar na formação daquele aluno de forma única e em cooperação.

Referências Bibliográficas

APARECIDA, Rosana; REBELO, Argento. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAETANO, L. M. **Relação Escola e Família: Uma Proposta de Parceria**.

USP.

Disponível

em:

<http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Luciana.pdf> Acesso: 22 de abril de 2012.

DIAS, Maria Luíza. **Vivendo em família**. São Paulo: Moderna, 2005.

COLOMBIER, Claire – MANGEL, Gilbert – PERDRIault, Marguerite. **A Violência na Escola** trad. Roseana Kligerman Murray. São Paulo, Summus 1989.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 6.ed. São Paulo: Gente,2001.

HEIDRICH, Gustavo. **O direito de aprender**. Revista Nova Escola/ Guia do Ensino Fundamental de 9 anos. N225, abril. São Paulo: 2009, P14

_____, **a escola da família**. Revista nova escola/ Guia do Ensino Fundamental de 9 anos. N225, abril. São Paulo: 2009, P25

KRAMER, Sonia. **Com a pré-escola nas mãos**. 14^a ed. São Paulo, SP: editora ática, 2002

MALAVAZI, Maria Mácia Sigríst. **Os pais e a vida escolar dos filhos**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MIZUNO, M. S. **A incorporação da família pelo espaço escolar: Um estudo de caso.** – Campinas/ SP : [s.n.], 1999.

OLIVEIRA, C. B. E. de; Araújo, C. M. M. **A relação família-escola: intersecções e desafios.** Disponível em:
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012]

PAROLIN, Isabel. **Relação Família e Escola:** Revista atividades e experiências. Positivo, 2008.

PIAGET, J. **Para onde vai a Educação.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1972-2000

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** Psicologia Escolar e Educacional (Impr.), Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, dez. 2005. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2012.

Tiba, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.**- 1ª edição. São Paulo: Editora Gente, 1996

TRANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A M. M. R. **Visões de professores sobre as famílias de seus alunos: um estudo na área da Educação Infantil.** Disponível em <<http://www.anped.org.br>> Acessado em 22 de abril de 2012.

Lei de Diretrizes de Bases da Educação. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acessado dia 5 de maio de 2014.

Dicionário online de Português. Disponível em < www.dicio.com.br >

Acessado dia 23 de abril de 2014.